

# SLAM DA GUILHERMINA EM TEMPOS DE PANDEMIA<sup>1</sup>

## FRAGMENTO DO LIVRO *NOS CORRE DA POESIA -* *AUTOBIOGRAFIA DE UM SLAMMER*



**EMERSON ALCALDE<sup>i</sup>**

São Paulo, SP, Brasil

Assim que realizamos a nossa grande final em setembro de 2019, nos adequando ao calendário do Slam SP e Slam BR, já emendamos no mês subsequente as edições do próximo ano. Era outubro, e ainda nem tinha ocorrido o SP e os poetas na Guilhermina já queriam garantir a sua vaga na final do próximo ano. Não foi uma noite com muitos poetas e público como de costume. A nossa final tinha sido inflamada. No final de ano as pessoas estão cansadas, mas acreditamos que temos que fazer sempre. Márcio Ricardo, Rogério Gonçalves, Sonia Ochoa, Tawane Theodoro passaram para a terceira rodada. Ficamos orgulhosos em ver a Sônia, uma poeta do Slam Interescolar, chegando na final. Tawane foi a campeã e garantiu a primeira vaga pra final de 2020.

E em novembro... ah! Mais uma vez, se não fosse o Interescolar não teria evento, os alunos, alunas e professores colaram em peso. “Ainda bem que desenvolvemos um trabalho com as escolas”, comentamos. Nesta edição o título do nosso projeto se concretizou literalmente: das ruas para as escolas, das escolas para as ruas.

Cacau Rocha uma slammer experiente, mas que não frequenta regularmente a Guilhermina venceu a última vaga.

---

<sup>1</sup> Fragmento do livro “Nos corre da poesia - autobiografia de um slammer” de Emerson Alcalde, capítulo “O Virtual”.

O ano começou, e diferente das duas edições anteriores, o Slam voltou a ser o que era: praça lotada, inscrições encerradas antes das 20h. Geralmente iniciamos o slam em fevereiro, mas estávamos preocupados com a queda do público e decidimos antecipar para o mês de janeiro.

A noite estava uma lua, mas no meio do evento veio a chuva. Não deu tempo de ir para o outro lado do metrô como fazemos corriqueiramente. Fizemos no meio da passarela mesmo. Sempre que ocupamos esta área coberta arrumamos problemas. O público obstrui a passagem dos pedestres e os seguranças vem parar o evento. Desta vez conseguimos contornar e todos espremidos em uma das laterais rolou a rodada final.

O poeta CJ foi a revelação da noite e ficou em terceiro. O primeiro lugar foi disputado entre Márcio Ricardo que com o poema *Fanta* emociona e só que Kaya Matheus veio num flow implacável. Kaya venceu.

Para o nosso aniversário de 8 anos, a edição de número 224, convidamos o DJ Pê para discotecar, como ele sempre faz na final. O dia inteiro foi de chuva então montamos os equipamentos do outro lado do metrô, na Vila Esperança. E convidamos Beká para um pocket show. A festa foi linda, cheia de gente, só não teve bolo, pois a nossa boleira oficial, a Dona Iracy, mãe da slammaster Cristina, havia passado por uma cirurgia e no dia ainda teve complicações com início de trombose e teve que ser hospitalizada, Cristina mal conseguiu apresentar o evento, mas ficou tudo bem.

A novidade da noite foram as frases de Maculelê, verdadeiras linhas de soco, a Jaque Alves interpretou tão bem que arrancou lágrimas da plateia e Gustavo Arranjos com muita técnica teve um bom desempenho. Jessica Campos que já vinha numa crescente venceu a edição de aniversário.

Com as duas edições do ano indo bem, decidimos que tínhamos que crescer ainda mais. Contemplados por um edital, o Fomento à Periferia, deveríamos usar o recurso a favor do fortalecimento do evento. E coletivamente decidimos que teríamos que convidar artistas renomados para trocar ideias conosco e com a galera, elencamos três nomes iniciais para as edições de março, abril e maio.

Entramos em contato com Ferréz, Sérgio Vaz e Preta Rara, e eles toparam. A nossa alegria foi imensa. Porém no meio das águas de março o coronavírus se espalhou pelo país. Ferréz ligou pra mim informando que não faria mais eventos presenciais em virtude da pandemia que estava por vir. A arte de divulgação já estava pronta. Decidimos manter o evento e na última semana do mês percebemos que não havia possibilidade da realização presencial do slam.

Mas não deixamos passar em branco e no dia e horário realizamos uma live pelo nosso canal do YouTube. Fizemos uma brincadeira com os integrantes da equipe e os internautas deram as notas de modo improvisado. A internet caiu várias vezes. O vídeo ficou dividido em três partes, estávamos iniciando algo que perduraria.

Para alimentar o nosso perfil no Instagram pedimos para 10 slammers enviarem vídeos e postamos um por dia. E com os dez vídeos na mão decidimos fazer um slam com este material. Optamos em não fazer live, pois não sabíamos mexer com esta tecnologia. Gravamos e publicamos no nosso canal do Youtube em duas partes. Houve vários erros técnicos. Não ficamos felizes com o resultado. Fizemos apenas para marcar a data. É muito triste não estar na praça. Percebemos que teria que ser ao vivo e com inscrições abertas ao público.

A maioria dos slammers sobrevivem das vendas de seus zines nas rodas culturais e de declamação de poesias dentro do transporte coletivo. Neste período de coronavírus esses jovens periféricos passavam por dificuldades financeiras e nós do coletivo Slam da Guilhermina, sensíveis a esta causa, decidimos agir para minimizar estes danos.

Após a edição de abril, o grupo realizou uma séria reunião para pensar em como caminhar até o final do ano. Tínhamos um calendário, uma programação montada, mas tudo isso caiu por terra. Como dito anteriormente havia uma verba destinada para a contratação de artistas com certo destaque na cena para contribuir com o avanço do projeto, contudo, entendemos que esses poetas das ruas precisavam mais.

E então remanejamos esta verba para a premiação mensal, estimulando a participação e fortalecendo financeiramente quem sempre nos fortaleceu colando nas edições em noites de luas lindas e também em noites de chuva e até mesmo quem nunca colou, mas assiste os vídeos do nosso canal e divulga nas suas redes.

Destinamos, portanto, a partir de maio, uma quantia de R\$500,00 por edição, sendo: R\$250,00 para o primeiro colocado, R\$150,00 para o segundo e R\$100,00 para o terceiro colocado. Abrimos as inscrições no formulário google e nas primeiras horas já haviam mais de 100 inscritos de vários cantos do Brasil e da África lusófona.

A princípio decidimos que estas edições online não valeriam vaga nem pra final e nem para o livro. A gente não fazia ideia do que estava por vir e, que mesmo na telinha conseguiríamos nos emocionar e vibrar juntos. E como faríamos com os jurados? Estes são escolhidos entre os presentes no evento. Nas duas primeiras tentativas fizemos com quem estava online assistindo. Não deu muito certo, pois as pessoas caíam ou simplesmente saíam. Então escolhemos os jurados previamente de várias regiões do país esses entravam na videochamada avaliavam as performances inserindo suas notas no chat.

Abrimos 10 vagas no total sendo distribuídas da seguinte maneira: 50% das vagas destinadas aos frequentadores assíduos do Slam da Guilhermina e a outra metade das vagas para os outros estados, em ambos os casos sendo respeitada a equidade de gênero. E com duas vagas para pessoas trans.

O sorteio dos poetas que iriam concorrer passou a acontecer em uma Live no nosso perfil do Instagram movimentando também essa rede.

Como deixamos passar dois meses sem realizar o slam de fato, compensamos e, em maio, fizemos duas edições. As lives eram transmitidas da nossa casa na Cohab I. Nós apresentamos o evento e operamos a transmissão ao mesmo tempo.

Passamos por vários problemas técnicos, mas foi o suficiente pra perceber que essa nova configuração uma hora iria dar certo. Surgiram poetas do Nordeste que só nos acompanham pela internet foi uma oportunidade tanto pra eles de participarem quanto pra nós de conhecermos. Tawane Theodoro foi a campeã.

Na segunda edição de maio recebemos várias inscrições de Moçambique e resolvemos abrir mais vagas para nossos irmãos africanos, e ao invés de 10 teríamos 12 inscrições, sendo duas para países que falam português. E Ivandro Sigaval representou seu país chegando até a final junto com a Jéssica Campos e Tom Grito que emocionou com um poema sobre o isolamento. O slampião foi Tom Grito, poeta transmasculine não-binária do Rio de Janeiro.

Neste mês de maio ainda aconteceu um fato que mexeu com a gente. Uma pessoa escreveu uma mensagem na nossa página pedindo ajuda, pois estavam desempregados e sem renda. Descreveu que sempre passava ali na praça e no desespero lembrou que fazíamos o evento cultural e que talvez pudéssemos auxiliar. Sacamos neste momento que tínhamos uma função para além das palavras, as pessoas nos viam como referências. Não tínhamos esta noção.

Paralelamente se formava na região da Penha um grupo de apoio fundado a partir de uma live do Fórum de Cultura da Zona Leste. A nossa parceira Silvinha Lopes nos conectou a este grupo. O Slam da Guilhermina e o Coletivo do Acaçá Axé Odô, tocados por Mãe Nana de Yemanjá e Cristina Assunção, foram atrás e conseguiram centenas de cestas básicas em uma parceria com a Ação Educativa e com a própria Prefeitura e depois pela Coalizão Negra por Direitos.

Levamos pessoalmente até a casa desta pessoa que nos enviou uma mensagem na Vila Talarico, foi uma grande emoção. E distribuimos as demais para moradores de favelas do subdistrito da Penha, região onde realizamos o slam, como Favela da Caixa D'água, Pira, Vila do Sapo, comunidades de favelas e Terreiros de Umbanda e Candomblé. A partir de então passamos os meses seguintes entregando cestas básicas para pelo menos 100 famílias e já alcançamos mais de 2000 cestas, essa ação foi gratificante e transformadora tanto para família Slam da Guilhermina quanto para as demais famílias que recebem o benefício.

Quando foi anunciado que a Copa do Mundo de Paris seria virtual eu fiquei revoltado, um evento tão importante não poderia se reduzir a uma live. Fiz um textão criticando o organizador Pilot Le Hot. A Kimani, vencedora do Slam BR, não iria pra França. E eu sei qual a diferença que faz na vida de uma pessoa de periferia atravessar o oceano pela poesia.

A gente acreditava que a pandemia duraria uns três meses no máximo. Mas eles

tinham razão, pois a próxima edição também aconteceria virtualmente e mesmo online funcionou e o mais loko foi ver a abertura com o Interescolar, as crianças declamando de suas casas, com seus pais ajudando, mostrando o seu quarto. Aquilo me motivou a insistir com a turma para fazermos o Interescolar online.

Em junho, infelizmente, foi marcado por perdas. Além da morte do Adelson Chaves, minutos antes de iniciar o slam online, recebi a notícia do falecimento do meu amigo da adolescência Nélio, o Tupac da Vila Sílvia. Eu fiz a poesia O Nosso Tupac, que saiu no meu livro A Massa, uma homenagem em vida falando da semelhança dele com o rapper estadunidense. Os números de mortes no mundo disparavam já eram mais de 680 mil mortes, e só no Brasil mais de 90 mil tinham perdido a vida pelo novo vírus e principalmente pelo descaso do governo federal negacionista.

Choveu muito nesta noite. A Live caiu três vezes. O evento foi maior e com mais representatividade, teve mais poetas LGBTQIA + e poetas de Moçambique, além dos brasileiros de vários cantos. Kaya começou. Cotta tentou recitar duas vezes e a rede caiu. Na terceira vez, mudou de casa e conseguiu recitar a poesia completa. Lorna, de Moçambique, trouxe consigo uma grande torcida de sua terra e cativou muitos brasileiros. A final foi com Márcio Ricardo, King e o caçara Brenalta MC, de São Sebastião –SP, que venceu conquistando também a vaga para o Slam Viral, uma batalha interestadual criada especialmente durante a pandemia.

Em julho a nova e a velha escola se encontram Mariana Félix e Luz Ribeiro, batalharam com novos poetas como Natália Pinheiro, Larissa Galvão e Bolinha Podre. Na hora do jogo tudo isso desaparece e o que aflora é a poesia. Em noite iluminada, Luz Ribeiro foi a slampiã.

As conexões estavam ocorrendo, a galera estava interagindo, porém não estávamos satisfeitos com as questões técnicas e isso nos estressava pra cacete. Não parecia o Slam da Guilhermina. Estávamos inseguros, errando, nos perdendo nas apresentações, mas estávamos no caminho certo, pois não desistimos e nos mantivemos à procura do melhor formato.

Havíamos alugado um espaço na Barra Funda, dos nossos parceiros da Yan Comunicação, dos amigos de infância do Adelson, o Cláudio e Maciel, para guardar alguns materiais e realizar demais atividades como reuniões e encontros formativos, mas com a pandemia não saímos de casa. Entretanto não dava mais pra fazer cada um de sua casa. O DJ Pe, irmão do Chapéu, já vinha desenvolvendo algumas lives de discotecagem e se dispôs a nos ajudar.

Com toda a equipe em um mesmo espaço – observando, claro, todas as normas sanitárias e de distanciamento social - alguém operando as câmeras que agora eram três, aí sim ficamos mais livres. O evento passou a fluir e deu mais vontade de fazer o slam.

Lucas Afonso se inscreveu desde a primeira edição e somente nesta foi sorteado. O único da leste. Já venceu a final do ano da Guilhermina em 2015 e foi representar o

Brasil na Copa do Mundo de Slam de Paris. Mandou poesias que já estão em vídeo viralizados na internet tanto no seu canal quanto no Slam Resistência. Ficou em segundo lugar. Mas a poeta de Luanda, Nzola Kuzedíua, não veio para massagear e da primeira à última poesia ela detonou num flow cabuloso e com as ideias mais pesadas ainda. Os dois poetas africanos chegaram na final, o moçambicano Gonçalves Gonçalo ficou em terceiro e a poeta angolana venceu.

Cada edição que se passava, fomos melhorando tecnicamente. Legant também passou a ir presencialmente para a Barra Funda acompanhar as redes sociais e interagir ao vivo. Cleyton Mendes cuidava dos stories do Instagram e Renata Ravok acompanhava os jurados, ambos eram jurados suplentes.

Em setembro fizemos duas edições para ajudar um número maior de poetas e ter mais representantes na final que aconteceria no mês seguinte. Mas sem polêmica não tem graça, a gente até preferia que os eventos fossem tranquilos, só que isso é um sonho. A final foi feita com três mulheres de três regiões: SP, CE e BA. A Vitória, do Ceará, passou do tempo. Patrícia Meira e Rool Cerqueira empataram com nota máxima, 30.

O matemático Chapéu se confundiu, ele é um ser humano, e na hora de anunciar no calor do momento, disse que a Rool tinha ultrapassado o tempo e não a Vitória, e deu o primeiro lugar para a Patrícia Meira, sem realizar o desempate. Finalizamos a Live e fomos comer uma pizza para comemorar. No meio do bate papo recebemos mensagens da Rool que argumentava que não tinha passado do tempo e foi prejudicada pelo matemático.

Assistimos novamente a Live e vimos que realmente ela não tinha ultrapassado o tempo. Chapéu assumiu o erro, ligou para a poeta e explicou que foi um vacilo e não um boicote. O certo seria desempatar para sair apenas uma campeã, mas o evento já tinha finalizado. A poeta recebeu a verba destinada ao primeiro colocado e a vaga para a final. Na edição especial de setembro se classificaram Patrícia Meira e Rool Cerqueira.

A última vaga para a final em outubro foi disputadíssima. Com Alessandro Dornelos, slammaster do Slam Ondaka de Uberaba, Daniel GTR, Fernando Carlos, de Angola, e Agnes Mariá, de Porto Alegre. Quando conhecemos Agnes em uma visita a sua cidade ela era conhecida como a poeta que nunca perdia. E de fato todas as vezes onde assistimos ela venceu. E nesta noite conquistou a sua vaga para a grande final.

Começamos o circuito com a praça esvaziada, virando o ano com a praça cheia e acreditando que íamos crescer ainda mais. Veio a pandemia e migramos para o virtual, cada um de sua casa. Depois todos juntos. As edições online não iriam valer vaga pra final, mas vimos que não dava para ignorar essas edições e que essa era a realidade.

A final foi a mais imprevisível nesses oito anos de história. Com todos os percalços, as edições aconteceram, tivemos até chroma key simulando que estávamos na praça. A nossa final é sempre uma celebração. Levamos equipamento de som e DJ.

Cleyton e Renata também colaram no espaço para fazermos juntos essa finalização. Não houve polêmicas. Patrícia Meira venceu, garantindo também a vaga para o Slam SP, ganhando R\$1.000,00, troféu e medalha, e o mais importante de tudo o prestígio de vencer o slam mais roots da América latina. Foi aniversário da Renata, 21 aninhos, também cria do Interescolar, cantamos parabéns ao vivo e comemos o bolo. Sempre é uma festa!

Já fazer o Slam Interescolar SP remotamente foi muito mais dificultoso, tentamos utilizar as mesmas plataformas adotadas pelo Estado, porém não tínhamos noção que os alunos não estavam participando das aulas regulares. Os professores que são os nossos canais dentro das escolas encontravam muitas dificuldades para conseguirem reunir os interessados.

O processo formativo foi tumultuado, os números caíram bastante. Presencialmente o poeta-formador ia na escola e fazia a primeira formação no pátio para cem, duzentas e até cinquenta crianças, e virtualmente tinha duas, três, no máximo vinte pessoas por escola.

Em 2020 como em todos os anos criamos um formulário de inscrição na internet, nele, funcionários da rede de ensino realizaram a inscrição de suas respectivas unidades escolares. O tempo de inscrição foi de 15 dias e obtivemos 133 escolas inscritas, destas 62 conseguiram levar o projeto até o fim, mesmo com as implicações sofridas no primeiro ano da pandemia.

Devido ao crescimento exponencial do evento optamos em realizar seletivas. O Fundamental II foi dividido em 4 chaves: A, B, C e D. Sendo realizado nos dias 11 e 18 de outubro, a categoria Ensino Médio foi dividida em 2 chaves: A e B, no dia 25 de outubro. Esta atividade ocorreu por meio de uma plataforma de reunião ZOOM sendo transmitida em nossas redes sociais.

A final do Ensino Fundamental II aconteceu no dia 07 de novembro de 2021 e do Ensino Médio no dia 08 de outubro de 2021 no mesmo modelo que as seletivas.

Assim como na França, a maioria das crianças fizeram de sua casa mostrando a sua realidade social, muito diferente do país europeu, alguns mandaram vídeo gravados previamente, pois não tinham internet ou até mesmo aparelho celular. Em alguns casos o professor levou o aluno até a sua casa ou até a escola para que pudesse participar do slam. Outros participantes que tinham internet convidaram amigos para fazer a sua poesia de sua casa.

Teve aluno que foi até o terminal rodoviário ou praça pública pra ter acesso ao wi-fi livre. Os esforços não foram medidos para garantir a participação.

Contamos com uma média de público assistindo as lives ao vivo de aproximadamente 200 pessoas por edição. Todos os alunos participantes tanto das seletivas quanto da final receberam certificados, medalhas e livros os quais foram

enviados via correio. Os primeiros lugares das duas categorias receberam um troféu e um netbook, os segundos e terceiros troféus e tablets, esses prêmios foram entregues a cada finalista pela equipe do Slam da Guilhermina.

A entrega feita num final de semana junto com as professoras, em alguns casos foi de surpresa. Os primeiros colocados choravam de alegria, pois agora poderiam estudar melhor, pois não tinham computador e agora ganhavam um novinho em folha.

Por esta ação ficamos em primeiro lugar no Prêmio Jabuti, o maior prêmio literário do país, eixo inovação, na categoria Fomento à Leitura. Ouvir o anúncio foi como uma narração de gol do Santos na final da Libertadores. Gritei, joguei almofadas para o alto, dei socos na porta. Alguns vizinhos interfonaram querendo saber se tinha acontecido alguma coisa.

O rapaz que venho entregar a estatueta dias depois ficou impressionado e feliz de ter levado o prêmio distante do centro da cidade, pois os endereços que recebe giram em torno da Vila Madalena e de bairros nobres. Por fim, o Jabuti chegava na Cohab!

---

<sup>i</sup> **Emerson Alcalde** tem 40 anos, nasceu e vive na periferia de São Paulo. Graduiu-se em teatro pela Universidade Anhembi Morumbi. É ator, slammer, escritor, dramaturgo, ativista social e co-fundador do Slam da Guilhermina, o segundo slam do Brasil e o primeiro a ser feito na rua. É slammaster dos eventos: Slam Jazz – Nossa Casa Confraria das Ideias, Torneio dos Slams – Encontro Estéticas das Periferias, Slam Nacional em Dupla FPA, Slam Interescolar SP, por este ganhou o Prêmio Jabuti na categoria Fomento à leitura. Autor dos livros: *(A) MASSA* (2011), *O Vendedor de Travesseiros* (2015), *Diário Bolivariano* (2019), *Gênesis* (2020) e *Nos Corre da Poesia – Autobiografia de um slammer* (2022). Organizou e participou de diversas antologias marginais-periféricas entre elas a Coleção Slam pela editora Autonomia Literária. Já se apresentou na Venezuela, Argentina, Caribe, Canadá, México e França. É patrono da AEL (academia estudantil de letras) da EMEF Dr. José Augusto César Salgado, da Cidade Tiradentes. Foi vice-campeão da Copa do Mundo de Slam de Paris, em 2014. **E-mail:** poetaalcalde@gmail.com